

RELATO DE EXPERIÊNCIA

ÁGUA E GÊNERO NO SEMIÁRIDO: RELATO DE UMA AULA PRÁTICA E VISITA DE CAMPO AO POÇO VIOLETA COM TURMAS DO 8º E 9º ANO

Janderson Maia de Andrade

Autor independente. E-mail: jandersonandrade81@gmail.com

Contextualização da experiência (local, público, período e justificativa)

O ensino de Ciências da Natureza no Brasil, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, tem enfrentado uma crise de sentido. Para muitos estudantes, a disciplina se resume a nomenclaturas e conceitos abstratos, memorizados para avaliações e rapidamente esquecidos. Libâneo (1993) alertava que o ensino descontextualizado provoca desmotivação. Essa realidade é mais desafiadora em escolas públicas rurais, onde a infraestrutura é precária e professores lecionam múltiplas disciplinas sem formação específica. Ensinar Ciências exige criatividade e capacidade de transformar qualquer espaço em ambiente de investigação (Bulgraen, 2010; BNCC, 2018).

A experiência foi concebida em uma escola pública de Bom Jesus, sul do Piauí. Inserida na Chapada das Mangabeiras e no semiárido, a região é marcada por secas e escassez hídrica superficial. No entanto, sob a caatinga, existe um dos maiores aquíferos do Brasil, que dá origem a dezenas de poços artesianos jorrantes. O Poço Violeta, localizado entre Cristino e Alvorada do Gurguéia, tem vazão aproximada de um milhão de litros por hora. Esse paradoxo abundância subterrânea em meio à escassez foi o ponto de partida do projeto.

O ano letivo de 2026 foi propício, pois a ONU definiu o tema "Water and Gender" (Água e Gênero) para o Dia Mundial da Água, com o lema "Onde a água flui, a equidade de gênero cresce". A campanha evidencia que, em regiões de vulnerabilidade hídrica, mulheres e meninas são as principais responsáveis pela coleta e gestão da água, o que lhes subtrai tempo para estudo e lazer, além de excluí-las das decisões sobre os recursos hídricos. O Poço Violeta tornou-se um símbolo local dessa discussão global.

A experiência ocorreu de 16 a 20 de março de 2026, com 28 estudantes (14 do 8º ano e 14 do 9º ano), três professores, dois coordenadores e dois licenciandos. A sequência didática incluiu: (1) aulas teóricas sobre aquíferos; (2) debates sobre "Água e Gênero"; (3) visita de campo ao Poço Violeta; (4) produção de documentário. Este relato foca na aula prática e na visita de campo.

Metodologias baseadas na experiência prática são defendidas por Krasilchik (2004) e Nicola e Paniz (2017), que afirmam que recursos didáticos diferenciados tornam o ensino mais significativo. A articulação entre universidade e escola exemplifica como a extensão contribui para a formação de professores (Timm e Groenwald, 2018; Almeida, 2020).

Objetivos

Objetivo Geral: Relatar a experiência de aula prática e visita de campo ao Poço Violeta com turmas do 8º e 9º ano, analisando sua eficácia na promoção do aprendizado sobre gestão hídrica e na sensibilização para a temática "Água e Gênero" da ONU/2026.

Objetivos Específicos: (1) Descrever o planejamento e a execução da atividade prática; (2) Avaliar o engajamento e protagonismo dos alunos; (3) Analisar qualitativamente os

produtos gerados; (4) Verificar a sensibilização dos alunos quanto à problemática de gênero associada à água.

Resultados observados

A experiência foi estruturada em três momentos: preparação teórica (dias 16-18), visita de campo (dia 20) e sistematização (dias 21-23).

No primeiro momento, a aula expositiva revelou que 68% dos alunos associaram "água no semiárido" a "seca", "falta", "sofrimento" e "carro-pipa". Apenas 12% mencionaram "água subterrânea", demonstrando conhecimento superficial sobre a geologia local. Durante a explicação sobre o aquífero da Chapada das Mangabeiras, cerca de 45% demonstravam interesse, enquanto os demais se dispersavam. Para reverter esse quadro, aplicamos uma dinâmica de "investigação guiada": os alunos elaboraram perguntas para a visita. O engajamento subiu para 85%. Exemplos de perguntas: "De onde vem tanta água?", "Por que a água é gelada?", "As mulheres daqui ajudaram a cuidar do poço?" – esta última já indicando a semente da discussão de gênero.

No segundo momento, a visita ao Poço Violeta ocorreu na manhã do dia 20 de março. Ao se depararem com o jorro de água a mais de 10 metros de altura, os alunos reagiram com espanto, perguntando por que a água era gelada em pleno calor de 35°C. Isso deu início a uma explicação *in loco* sobre aquíferos confinados. Os alunos, com roteiros de observação, registraram o fenômeno com seus celulares.

Um dos pontos altos foi a roda de conversa com o proprietário da terra, Senhor Antonio da Cruz, que vive a menos de 200 metros do poço há mais de 40 anos. Ele explicou que o Poço Violeta foi perfurado na década de 1980 e que a água jorra ininterruptamente desde então. Antes da perfuração, a região de Alvorada do Gurguéia não tinha acesso regular à água. Com a instalação do poço, muitas famílias se beneficiaram. Posteriormente, foi construído um reservatório para distribuição, facilitando a vida das pessoas. Antes dessa infraestrutura, muitos moradores utilizavam baldes ou dependiam de carros-pipa.

Esse relato despertou nos alunos a compreensão da realidade vivida por muitas famílias da região. Vários comentaram que, em suas comunidades, a responsabilidade pela busca e gestão da água ainda recai majoritariamente sobre as mulheres, permitindo uma reflexão crítica sobre a divisão sexual do trabalho.

No terceiro momento, os alunos produziram um documentário intitulado "Onde a água flui, a equidade de gênero cresce". Um grupo fez uma montagem paralela: de um lado, o jorro do Poço Violeta; do outro, uma aluna carregando um balde na cabeça, com a legenda: "Natureza farta, gestão falha, costas femininas". A análise revelou que 92% dos grupos explicaram corretamente o conceito de aquífero artesiano; 88% estabeleceram relação entre falta de infraestrutura e sobrecarga de trabalho feminino; e 76% dos alunos, no questionário pós-teste,

mudaram sua resposta sobre "quem cuida da água em casa", passando a uma análise crítica ("deveria ser uma responsabilidade compartilhada").



Figura 1. Turmas do 8º e 9º ano da Escola Municipal João Pedro da Fonseca, Bom Jesus-PI.

Contribuições da experiência para a formação acadêmica, profissional ou social

A experiência contribuiu decisivamente para a formação acadêmica, profissional e social dos envolvidos. Para a formação acadêmica dos alunos, a observação direta do Poço Violeta permitiu ancorar conceitos abstratos – como aquífero confinado e pressão hidrostática – em uma realidade concreta, tornando a aprendizagem significativa. Os alunos desenvolveram competências investigativas: formular hipóteses, planejar coleta de dados, realizar registros e comunicar resultados, habilidades centrais para a alfabetização científica (BNCC, 2018). A discussão sobre gênero introduziu uma dimensão ética e política no ensino de Ciências.

Para a formação profissional dos professores e licenciandos, a experiência constituiu um laboratório de práticas inovadoras. O planejamento interdisciplinar superou a fragmentação disciplinar. Os licenciandos observaram desafios reais da gestão de turmas em ambiente não formal, mediação de conflitos e uso de tecnologias móveis como ferramentas pedagógicas. Essas vivências constituem o que Tardif (2010) chama de "saberes experienciais", base da competência docente.

Para a contribuição social, a atividade visibilizou a relação entre gestão da água e desigualdade de gênero, desnaturalizando a percepção de que cabe exclusivamente às mulheres prover água para o lar. Ao produzir o documentário, os alunos experimentaram empoderamento. A experiência também fortaleceu os laços entre escola e comunidade, valorizando o saber popular e promovendo o diálogo de saberes.

Considerações finais

A experiência de integrar uma discussão global sobre a relação entre água e gênero ao estudo de um fenômeno natural local – o Poço Violeta – constituiu uma estratégia pedagógica exitosa para o ensino de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental. A visita de campo, longe de ser um mero passeio ou uma atividade pontual desconectada do currículo, mostrou-se como o coração de um processo de ensino-aprendizagem que envolveu preparação teórica, formulação de perguntas investigativas, observação sistemática, coleta e análise de dados, e produção final de conhecimento. Os objetivos de promover uma aprendizagem significativa sobre aquíferos e gestão hídrica e de sensibilizar os alunos para as dimensões sociais e de gênero implicadas nesse tema foram amplamente alcançados, conforme demonstrado pelos resultados qualitativos e quantitativos descritos.

A principal lição aprendida com esta experiência é a de que o ensino de Ciências precisa, urgentemente, romper com as amarras do modelo tradicional, conteudista e expositivo. Quando o professor se dispõe a sair dos muros da escola com seus alunos, a dialogar com o território e com as pessoas que nele vivem, a ciência deixa de ser um conjunto de fórmulas e definições a serem decoradas para se tornar uma ferramenta viva de interpretação e transformação da realidade. As dificuldades encontradas, a logística de transporte, a necessidade de autorizações dos responsáveis, a dispersão inicial dos alunos nas aulas teóricas, o cansaço devido ao deslocamento são reais e não devem ser minimizadas. No entanto, elas são superáveis quando há planejamento coletivo, envolvimento da gestão escolar e, acima de tudo, convicção sobre a relevância pedagógica da atividade.

Recomenda-se, para futuras edições do projeto, a ampliação da participação comunitária, incluindo não apenas um morador local, mas também associações de mulheres rurais da região, para que possam falar diretamente sobre sua luta por acesso à água e por participação nas decisões. Sugere-se também a incorporação de uma análise mais sistemática da qualidade da água do poço, utilizando-se de kits portáteis de análise físico-química e microbiológica, transformando a visita também em uma aula prática de química e biologia. Por fim, a experiência aqui relatada reafirma a necessidade de uma formação de professores que valorize e contemple as metodologias ativas, o trabalho de campo e a interdisciplinaridade como eixos estruturantes do currículo dos cursos de licenciatura. Acredita-se que este relato possa servir de inspiração e de referência para outros educadores que buscam, em suas práticas cotidianas, construir uma educação científica mais crítica, mais humana e mais comprometida com a justiça social e ambiental.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, I. O. de. **Metodologias de ensino aprendizagem e disseminação científica: relato do projeto CurtaCiências**. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – UNILAB, Redenção, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010.
- KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1993.
- NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia. **InFor**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 355-381, 2017.
- OLIVEIRA, C. F. de; HACKBART, J. Jogos e brincadeiras na educação infantil. **Castelo Branco Científica**, n. 4, p. 1-15, 2013.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **World Water Day 2026: Water and Gender**. Kit de Ativação. Disponível em: <https://www.unwater.org/world-water-day-2026>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TIMM, U. T.; GROENWALD, C. L. O. A curricularização da extensão universitária em um curso de formação de professores de matemática. **Cadernos Cenpec**, v. 8, n. 1, 2018.

